1 – Introdução

O presente trabalho busca analisar as relações que podem ser estabelecidas entre dois componentes, à primeira vista um tanto distintos, quais sejam a globalização e o futebol. O relacionamento desses dois temas se fará por meio de uma apresentação estruturada das conexões que se delineiam entre os mesmos.

Especificamente, almeja-se que o tema e o objeto escolhidos se mostrem capazes de abarcar potenciais discussões a nível acadêmico, contribuindo de maneira real para a ciência geográfica quando da análise sócio-espacial da contemporaneidade. Em última instância o trabalho quer mostrar como dois temas aparentemente díspares podem render uma rica discussão.

Uma análise concisa e instrumentalizada dos temas integrará o objetivo global do trabalho, sendo que para que isso ocorra faz-se necessária uma prévia apresentação individualizada de cada temática antes de se disporem as possíveis sinapses entre elas. Uma disposição clara terá a função de auxiliar na composição do tema e do objeto pesquisados.

A escolha do tema em questão envolveu um interesse particular, além do desafio eminente de aglutiná-lo de maneira consistente. Para o completo feitio do trabalho foi preciso um levantamento básico de aportes teóricos tanto da globalização como do futebol. A caracterização conjunta proposta, passou inicialmente por um estudo separado que desse conta de abarcar as características principais da globalização, enquanto integradora do cenário mundial pós-moderno, e do futebol como esporte de massa e mercadoria.

2 – Globalização e futebol: uma análise conjunta

A globalização é uma característica do panorama contemporâneo mundial e rico tema de discussões, em especial na ciência geográfica. Compõe o tecido geral de relacionamento entre os Estados Nacionais e a economia planetária. É um tema bastante controverso e que suscita uma enormidade de trabalhos acadêmicos que a relacionam ao estado atual de interações entre as diferentes nações e culturas.

Sendo assim, o moderno mundo globalizado se impõe como uma faceta da história humana, rica e diversificada, e que ganha traços cada vez mais globais. A globalização é própria do capitalismo, modo de produção que vem se firmando como hegemônico desde o século XVI.

Ao se referir ao capitalismo, Marx e Engels (1988) são íntegros: “o contínuo revolucionar da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas são dissolvidas. Tudo que é sólido e estável se volatiliza” (MARX; ENGELS, 1848, p. 69-70).

Ao que tudo indica os autores pareciam prever que a onda capitalista, amparada pela globalização, iria se difundir de forma acelerada e avassaladora pelo planeta. É o que trata, por exemplo, Ianni (1995) quando afirma que “vista em perspectiva histórica ampla, a globalização vem de longe e envolve diversas formas de organização e dinamização das forças produtivas e das relações de produção: acumulação originária, mercantilismo, colonialismo, imperialismo, interdependência, transnacionalismo e globalismo” (IANNI, 1995, p. 146).

A denominação globalização não é por acaso. É inédito na história humana um movimento que tenha sido tão mundial quanto esse fenômeno. Na concepção de Santos (1999, p. 11): “o meio técnico-científico-informacional é a cara da globalização” (SANTOS, 1999, p. 11).

Nessa configuração, são as grandes organizações transnacionais e o capital volátil que se acham no topo do sistema integrado, onde "a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço" (SANTOS, 1999, p. 10). Os vetores de circulação são cada vez mais intensos e beiram mesmo a barreira entre o real e o virtual, com a difusão da rede mundial de computadores – a internet.

Em suma, é coerente afirmar que este movimento de caráter global que se acentuou com o Pós-Guerra é o de mais profunda e eficaz generalização espacial na história da humanidade. Molda e é moldado pelo espaço geográfico, ambos sempre em mutação, visando o aperfeiçoamento e constante difusão por esse mesmo espaço.

É obvio, no entanto, que a hegemonia do sistema não tenha total aceitação. São muitos os movimentos de contestação que vêm de encontro à dinâmica geral da globalização. Movimentos que se encontram tão difundidos quanto à própria globalização. Formam um conjunto de áreas conflitantes com a dinâmica geral do mundo global, sendo bastante atuantes em certos pontos do globo.

O padrão atual de globalização pressupõe um nível mínimo de aprimoramento técnico, para que se instaurem as condições necessárias à difusão mundial do capital e de seus desdobramentos dentro dos diversos espaços.

Contribuem nesse sentido as condições atuais de comunicação, que possibilitam um fluxo rápido e bastante amplo da informação; os mecanismos gerais de circulação, onde se destaca os diversos transportes, em especial o aéreo; as intervenções do capital no espaço, buscando sempre a melhoria nas condições de instalação.

A globalização adquire um *status* um tanto discutido hoje. É sabido que existem autores que passaram a desconsiderar a importância de categorias doravante em destaque na ciência geográfica. Os conceitos de fronteira, território e mesmo região para alguns desses estudiosos parece não mais valer, justamente pela difusão esmagadora que a globalização exerce na contemporaneidade.

Há, no entanto, autores que discordam dessa opinião por pensarem que o fenômeno de um 'mundo global' ainda não se aplica em sua totalidade. Há áreas onde, ao contrário, se reforçam mecanismos de promoção regional ou local. Isso sem tratar de locais onde a globalização não tem influência significativa e, portanto, não configuram áreas onde o fenômeno se implantou.

Uma análise interessante e diferente da globalização pode ser feita quando se observa sua enorme influência no futebol da atualidade. Um esporte que alcança praticamente todos os cantos do mundo e que se torna cada vez mais uma área de investimentos econômicos, transações e pano de fundo para o comércio global das grandes marcas vinculadas direta ou indiretamente ao esporte.

"Muitos afirmam que as origens do futebol se perdem no tempo. Supostamente, tais origens estariam situadas entre os maias, que praticavam o jogo com a cabeça dos adversários derrotados; ou entre os egípcios, que se divertiam com uma brincadeira na qual tinham que chutar uma bola; e talvez até mesmo na China, onde existiram indícios de um jogo muito parecido com o futebol moderno. Também levantam a possibilidade de ele ter sido praticado na antiga Roma, quando assumiu uma forma muito violenta, da qual os praticantes freqüentemente saíam feridos" (MELO, 2000, p. 16).

Entretanto, foi realmente na Inglaterra que o futebol moderno surgiu. Nas palavras de Melo (2000): "foi naquele país que antigas práticas da população começaram a se organizar enquanto um campo reativamente autônomo [...] nas escolas da burguesia, onde se organizaram as regras" (MELO, 2000, p. 24). A data precisa de surgimento talvez seja "29 de outubro de 1863, quando representantes de 11 clubes ingleses – a maioria ligada a

colégios ou universidades – se reuniram na Taberna Freemasons, Great Queen Street, em Londres, e fundaram a *Football Association*" (BRASIL, 1979, p. 9).

"As regras iniciais foram criadas em 1863 e em 1871 já se disputava a primeira partida internacional entre Inglaterra e Escócia. O órgão responsável pela manutenção e modificação das regras, o *International Board* é anterior à criação da *Federation International Football Association* (FIFA), que só se instaurou em 1904. Possivelmente, ninguém naquela época poderia prever que aquela pequena sociedade de sete países se tornaria uma das mais poderosas entidades do mundo" (MELO, 2000, p. 22).

No Brasil, o esporte foi introduzido por Charles Miller em 1894. O inglês trouxe da Inglaterra "duas bolas de futebol em sua bagagem, organizando os primeiros jogos entre os sócios do São Paulo Athletic Club" (MELO, 2000, p. 23). Miller nem suspeitava que um esporte inicialmente restrito às elites se tornaria um ícone internacional de referência ao país sul-americano.

A difusão foi tamanha que o futebol é hoje o principal esporte na maioria dos países latino-americanos, sobretudo no Brasil, Argentina, Uruguai, México e Paraguai. No mundo, a relevância é tamanha que o número de países filiados à FIFA, um total de 194 nações, é maior do que a quantidade de filiações à Organização das Nações Unidas (ONU).

Tanta importância coloca o futebol como um mecanismo dentro da ótica da globalização, justamente por ser um esporte que agrega milhões pelo mundo. Não tanto mais pelo valor simbólico, o futebol é agora um mercado global integrado ao poderoso capital internacional. Os clubes tornam-se empresas, os atletas moedas de negociações, o esporte pano de fundo para a inserção da propaganda das grandes marcas, aliás, não só do ramo esportivo.

A rentabilidade dos direitos televisivos dos campeonatos, as milionárias transações de jogadores talentosos, o aliciamento de jovens promessas, o desejo das massas pobres em se profissionalizar e ascender-se socialmente, o *marketing* esportivo e o direito de imagem que engordam a conta de craques, com valores superiores aos salários astronômicos pagos pelos clubes, todas essas são características típicas da grande inserção do futebol no mundo da globalização, ou vice-versa, tornando-o um ponto chave no entendimento do panorama espacial atual.

Mesmo as características de cada território eminentes à globalização podem ser relacionadas ao futebol. "O futebol é mais do que um esporte, ou mesmo um modo de vida; abrange questões complexas que ultrapassam a arte do jogo. Envolve interesses reais – capazes de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e freqüentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões" (FOER, 2005, p. 11).

Basta ver o caso do jogador colombiano Escobar que, voltando a seu país, acusado de ser o principal responsável pela eliminação de sua seleção na Copa do Mundo de 1994, marcando um gol contra na partida ganha pelos anfitriões EUA, foi assassinado.

O levantamento de Foer (2005) pode ser exemplificado com o caso específico do futebol espanhol. Lá, os adeptos do F.C. Barcelona, clube que agrega um número elevado de torcedores têm uma rivalidade que extrapola os gramados com o maior clube da capital, o Real Madrid C.F. Isso ocorre por ser o Barcelona um clube basco. Investigações do governo espanhol já revelaram uma participação elevada de sócios do Barcelona com iniciativas terroristas de um grupo separatista basco famoso. O País Basco é um conjunto de comunidades autônomas, ao todo sete províncias, que se acham na porção setentrional da Espanha, fronteiriças com a França, que reivindicam independência do estado espanhol. "As lutas bascas pela soberania política remontam aos tempos do Império Romano. Matrizes distantes, portanto, se projetaram até o século XX e resultaram na criação, em 1959, do grupo separatista "Pátria Basca e Liberdade", o ETA" (CARLOS, 2006, p. 5).

As ações terroristas de atentados do ETA na Espanha diminuíram até o anúncio de um cessar-fogo do grupo em 2006. É certo, todavia, que muitos dos membros que compunham o grupo e que eram investigados pelo governo mantinham relações estreitas como sócios do Barcelona.

As cifras milionárias alcançam seu ápice no período da Copa do Mundo de seleções, onde os países-sede modificam-se espacialmente de maneira única, de forma a atender ao que o Mundial solicita. Toda a logística empregada é própria do mundo globalizado, onde a Copa será a agregadora de valor às grandes marcas. O enorme número de espectadores cria todo um mercado potencial para que os grandes patrocínios possam vir a obter êxito com suas vendas.

Várias outras competições seguem este mesmo sentido de agregar valor ao capital, chegando mesmo a patrocinar o próprio nome dos campeonatos, como é o caso da Copa Libertadores da América, o maior e mais tradicional campeonato envolvendo clubes da América Latina, que tem no Banco Santander e na Toyota, grandes transnacionais, seu nome conjugado.

Os grandes contratos de *marketing* esportivo abrangem marcas mundialmente difundidas, como a Nike, a Adidas e a Puma. Os jogadores, responsáveis pelo espetáculo se tornam apenas difusores da dinâmica do consumo em massa. Inspiram, porém, o sonho de muitos jovens que vêem no futebol uma das poucas áreas em que podem mudar a realidade social em que se inserem.

A Tabela 1, a seguir, mostra as cifras bilionárias que se acham por trás dessas três grandes marcas de material esportivo. Os dados são de 2006, um ano de Copa do Mundo (a Alemanha foi país-sede), onde o faturamento é ainda maior:

Tabela 1 – Faturamentos das grandes marcas em 2006 (em US$)

	NIKE	**ADIDAS**	**PUMA**
investimentos em propaganda	1,60 bilhão	0,70 bilhão	0,30 bilhão
valor na bolsa de valores	22,80 bilhões	6,88 bilhões	4,90 bilhões
seleções na Copa	8	6	12

Fonte: Revista Eletrônica IstoÉ, 12/06/2006, acesso em 15/06/2008

No patrocínio às seleções, a estadunidense Nike abocanhou Brasil, Portugal, EUA, Holanda, Croácia, México, Austrália e Coréia do Sul. A alemã Adidas, por sua vez, apostou na força de suas seleções e, além da seleção da casa, patrocinou França, Argentina, Espanha, Japão e Trinidad e Tobago. Por último, a Puma apostou no número de patrocínios, sobretudo nas seleções africanas. Foram ao todo cinco: Togo, Costa do Marfim, Tunísia, Gana e Angola. Ainda entraram na contagem República Tcheca, Polônia, Arábia Saudita, Paraguai, Irã, Suíça e a única seleção de maior expressão que, aliás, saiu campeã, a Itália.

O futebol é hoje, em várias situações, mais uma extensão do capitalismo moderno do que propriamente um esporte. Uma área de influência na qual o capitalismo encontrou grande rentabilidade, num processo em que a globalização tem participação efetiva.

Por exemplo, a realização do Mundial em 1994 nos EUA foi obtida muito mais pela força dos capitalistas do que propriamente pela tradição internacional daquele país no esporte, que é ínfima quando se analisam os esportes de maior destaque no cenário estadunidense.

As transações milionárias que marcam o futebol moderno são a marca que caracteriza a inserção do plano global dentro do esporte. Complementarmente, acham-se os direitos da grande mídia na cobertura de eventos, num viés de enorme disputa pela

transmissão dos campeonatos mais rentáveis, como é o caso da própria Copa do Mundo, dos Mundiais de Clubes e da Liga dos Campeões da UEFA, que encabeçam a lista dos maiores lucros em competições do esporte em questão.

Para se ter uma idéia de como os valores dentro do futebol profissional é exorbitante, a Tabela 2 dispõe o valor dos salários mais altos pagos aos jogadores de elite no futebol mundial. Dois latino-americanos figuram nas primeiras posições: os jogadores Kaká do Milan e Ronaldinho Gaúcho, que na época defendia o Barcelona.

Tabela 2 – Os dez jogadores mais bem pagos em 2008 (em milhões de US$/ano)

JOGADOR	NACIONALIDADE	CLUBE	SALÁRIO MÉDIO
Kaká	Brasil	Milan (ITA)	14,9
Ronaldinho Gaúcho	Brasil	Barcelona (ESP)[1]	14,1
Frank Lampard	Inglaterra	Chelsea (ING)	13,5
John Terry	Inglaterra	Chelsea (ING)	13,5
Fernando Torres	Espanha	Liverpool (ING)	13,1
Andriy Shevchenko	Ucrânia	Chelsea (ING)[2]	12,9
Michael Ballack	Alemanha	Chelsea (ING)	12,9
Cristiano Ronaldo	Portugal	M. United (ING)	12,7
Thierry Henry	França	Barcelona (ESP)	12,7
Steven Gerrard	Inglaterra	Liverpool (ING)	12,7

1 Transferido para o Milan (ITA)
2 Transferido para o Milan (ITA)
Fonte: Sports Illustrated, 19/05/2008, acesso em 14/06/2008

O inglês David Beckham não consta na lista porque suas maiores faturas são com percentual na venda de camisas e *marketing*. O jogador do Los Angeles Galaxy (EUA), jogando com um contrato curto no Milan, venceria fácil se a lista não levasse em conta apenas os ganhos salariais. Ele recebe em euros cerca de € 31 milhões, de acordo com a conceituada revista France Football. A próxima lista da Sports Illustrated certamente trará outro latino-americano, o argentino Messi do Barcelona entre os dez primeiros, além do sueco Ibrahimovic da Internazionale de Milão.

Na ótica da desigualdade eminente do sistema capitalista, a globalização enquanto promotora de fluxos responde também pelo atual mercado mundial de transação de jogadores. A atividade é hoje uma das maiores receitas do Brasil, gerando uma entrada em 2007 de € 195,2 milhões, de acordo com o Banco Central.

Pelos dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) o país exportou, no ano de 2007, 1064 atletas (227 só para Portugal, graças às facilidades de passaporte e da língua). São os clubes de médio e pequeno porte os que mais exportam

O mercado é altamente exploratório, já que muitos atletas seduzidos não percebem que os salários de alguns países não farão frente aos recebidos em seus clubes na América Latina. Esta é mais uma das facetas da globalização que pode ser detectada quando se relaciona sua dinâmica ao futebol.

Se por um lado o mercado da bola explora jogadores das periferias do mundo, apesar de precisar dos celeiros do esporte, como a América Latina, para se perpetuar, por outro não parece mostrar sinais de recessão (mesmo com a iminente crise financeira mundial). A lista dos 20 clubes mais ricos do mundo em 2006/2007 está expressa na Tabela 3. O faturamento assusta pelos altos valores:

Tabela 3 – Os clubes mais ricos do mundo na temporada 2006/07 (em milhões de €)

CLUBE	PAÍS	FATURAMENTO

Real Madrid	Espanha	351,0
Manchester United	Inglaterra	315,2
Barcelona	Espanha	290,1
Chelsea	Inglaterra	283,0
Arsenal	Inglaterra	263,9
Milan	Itália	227,2
Bayern de Munique	Alemanha	223,3
Liverpool	Inglaterra	198,9
Inter de Milão	Itália	195,0
Roma	Itália	157,6
Tottenham	Inglaterra	153,1
Juventus	Itália	145,2
Lyon	França	140,6
Newcastle	Inglaterra	129,4
Hamburgo	Alemanha	120,4
Schalke 04	Alemanha	114,3
Celtic	Escócia	111,8
Valência	Espanha	107,6
Olympique de Marselha	França	99,0
Werder Bremen	Alemanha	97,3

Fonte: FFLCh, 14/02/2008, acesso em 11//06/2008

Pelos dados pode-se notar que uma moeda forte como o Euro confirma a Europa como a grande importadora de atletas, em especial os latino-americanos e africanos, rendendo ao continente as 20 posições. Apesar de o primeiro lugar ter sido honra do Real Madrid pela terceira vez consecutiva, o futebol inglês desponta como o que mais possui clubes no *top 10* dos mais ricos.

Concluindo, o futebol é sim uma área aberta de que se apossa o capital, visionário de lucros. E ele usa deste artifício tão atual e envolvente: a globalização. Este é o espaço da bola. A dinâmica envolvida é extremamente inteligente, tanto no que concerne às grandes marcas do ramo como ao apelo às massas. São formas disfarçadas, enviesadas que fecham o orbe onde o esporte e o fenômeno globais se confundem e acabam por se fundir num todo homogêneo, onde não se consegue dissociar um de outro.

3 – O esporte global e a América Latina

A América Latina há muito se destaca quando se trata da magnitude de um mercado de transação de jogadores no cenário planetário do esporte. Isso se deve à enorme aceitação de seus atletas no âmbito dos fluxos deste mercado de exportação de jogadores onde, sem dúvida, a Europa se mostra como o local de atração mais receptivo, tanto no que tange à forte moeda de circulação, como também à visibilidade de seus principais campeonatos nacionais e continentais.

A *Premier League* inglesa, a *Liga Española*, o *Calccio* italiano e a *Bündesliga* alemã são os de maior destaque. Entretanto, a exportação de jogadores do "celeiro de craques latino-americano" não é exclusividade desses centros. Há um crescente número de jogadores que deixam seu país de origem rumo a nações de menor tradição internacional no esporte. Movidos apenas pelo desejo de ascensão social ou, simplesmente pela avidez de lucro dos clubes que originalmente defendem, o destino de muitos atletas passa a ser o futebol russo, ucraniano ou de nações petrolíferas no Oriente Médio ou do extremo oriente, como o futebol japonês.

Primordialmente, Brasil e Argentina sempre ocuparam posição de destaque no que concerne às movimentações de atletas ligados ao futebol. Os dois países são, pelo próprio processo histórico a que foram submetidos na prática do esporte, de suma relevância na América Latina. Não é à toa que guardam uma antiga e feroz rivalidade na formação de jogadores e no esporte em si.

O processo de introdução e difusão do futebol no Brasil a nível espacial, que deve responder também pelos outros países, pelo menos em parte, obedeceu, segundo Jesus (2002), à "heterogeneidade da base territorial: a distribuição e a estrutura do sistema urbano, as conexões com o exterior, o dinamismo de cada cidade e particularmente a *geografia* do Imperialismo Britânico, que em determinado período imprimiu-se de forma destacada na composição técnica do território brasileiro" (JESUS, 2002, p. 7).

Nações como Paraguai, México e Uruguai (este último também de longa tradição no esporte) vêm ganhando destaque recentemente dentro do fluido mercado de exportação de jogadores, o que comprova a difusão do crescimento do futebol como esporte de destaque na América Latina.

O mercado de transação de atletas do futebol representa, nas nações latino-americanas onde já se solidificou, importante parcela de contribuição nas receitas internas. O futebol é, portanto, um meio de incremento das economias nacionais, somando fundos que extrapolam o ramo do esporte.

Ao mesmo tempo, potencializam a mobilidade social de uma imbricada teia de relações, onde jogadores de origem humilde podem ver sonhos distantes realizados num curto espaço de tempo e, por vezes, numa idade impensada para certos atletas.

É por isso que o imaginário de muitas crianças dessas nações passa um dia pelo inventivo mundo do sonho de se tornar jogadores profissionais. Exemplos, afinal, não faltam na vida das mesmas. É extenso o número de futebolistas que vindo de famílias muito pobres, obtiveram sucesso em suas carreiras e conseguiram êxito na pirâmide social, tão díspar nos países periféricos da América Latina.

É fácil perceber que tais exemplos irão configurar o quadro de inspiração de jovens, que acabam por deixar de lado até mesmo uma formação escolar/acadêmica para adentrar na modalidade esportiva, onde nem todos vão obter sucesso.

É o futebol, no entanto, um dos poucos exemplos em que as classes sociais mais baixas podem almejar e obter elevação social e subida do padrão de vida. Nesse sentido, o esporte serve de conexão entre mundos distintos. Por essa razão, não devem cessar os investimentos estatais não apenas na descoberta de possíveis grandes atletas, mas também na inclusão social e promoção da saúde que o futebol consegue realizar.

Ao contrário do que ocorre no futebol, a América Latina sempre teve participação restrita no mundo globalizado. Com exceção de alguns expoentes emergentes ao fim da última Guerra Mundial, que despontaram no cenário internacional, merecendo citação de destaque na atualidade, como Brasil, Argentina e México, a imensa maioria dos países latino-americanos esteve sempre ocupando um patamar secundário na ordem mundial.

Mesmo após a implantação da multipolaridade, as nações latino-americanas se contentam com um lugar periférico dentro da nova ordem mundial formada. Essa análise contemporânea está muito bem expressa pela obra *A nova des-ordem mundial* (Editora UNESP, 2005) de Haesbaert & Porto-Gonçalves.

A sequência de abordagem na obra segue pela linha histórica, num viés da evolução do colonialismo, da formação dos territórios e da consolidação do Estado Nacional. Abre uma discussão acerca do sistema-mundo e de sua real des-ordem e abarca todas as facetas visíveis e ocultas dos aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais dessa des-ordem mundial, noiva fiel do capitalismo.

Os autores expõem de forma sucinta a configuração anômala assumida pelos Estados pós-modernos e abrem um leque para o pleno entendimento dos problemas que se multiplicam a cada dia na civilização contemporânea. Para isso, introduzem a discussão com um especial destaque aos quinze últimos anos de nossa era. A idéia básica é a de um mundo moderno-colonial, onde as nações centrais se valem de sua condição privilegiada para subjugar as neocolônias periféricas, como as latino-americanas.

A distribuição heterogênea do poder e das relações de poder só pode ser apreciada mediante o pleno entendimento da caracterização histórica dos Estados territoriais modernos. Isso remete ao nascimento dos mesmos, na época da sociedade pré-capitalista de acumulação primária. O fim das relações feudais culmina com a potencialização das relações mercantis e o início da exploração das primeiras colônias, no recém descoberto continente americano.

E é justamente nesse continente, com a implantação das colônias de exploração espanholas e lusitanas que se começa a delinear o futuro das nações latino-americanas. Após séculos de exploração inescrupulosa, as colônias ganham sua relativa independência. Isso não garante sua inserção na ótica do capital global e de sua equiparidade às nações imperialistas ocidentais.

Para Haesbaert & Porto-Gonçalves não há como entender e interpretar o cenário mundial atual sem a colonialidade, por ser ela o pano de fundo da pós-modernidade. A fragilidade da ordem instaurada se deve, então, pela subordinação do poder mundial ao capital supremo e às grandes corporações transnacionais com relevante menção para os gestores globais do chamado capital financeiro. Esta modalidade de capital, volátil e instável, aos poucos controla o capital dito produtivo.

A colonialidade, aliás, é definida pelos autores como a "contraface não assumida da modernidade e implica um conjunto de práticas e saberes que aceita a matriz cultural e política de uma província do mundo – a Europa – como única referência que se quer universal" (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 147).

O resultado pode ser bem exemplificado pela recente crise econômica em vigor, resultado em parte da extrema fluidez daquele capital. E a América Latina, bem como algumas frágeis economias do sudeste asiático e de nações africanas de maior destaque sofrem, de maneira inevitável com os efeitos imediatos dessa crise global.

Pelo fato da economia ser a primeira a responder por sensíveis modificações no âmbito global do capitalismo, que necessita de periódicas mudanças para se manter hegemônico, é também a mesma economia que passa pelos maiores colapsos. Com isso, as nações latino-americanas, reféns desde o primeiro colonialismo das ações dos países centrais se vêem obrigadas a auxiliar o sistema para que esse não talhe seu mercado interno e destrua suas economias nacionais.

A sociedade das nações latino-americanas acaba por colher os frutos ingratos desse colapso econômico. Apesar de a desigualdade ser bastante heterogênea em certos países, ela se faz presente em toda a América Latina. É retrogrado pensar em significativas mudanças na distribuição de rendas num planeta assentado no sistema que zela pela diferença.

A proposta de divisão da multiterritorialidade atual numa nova regionalização de Haesbaert & Porto-Gonçalves envolve o reconhecimento de um seleto grupo de potências, numa rede mundial integrada pelos fluxos de informações/mercadorias, áreas de influência e certa complexidade nas denominadas semi-periferias.

Essa proposta confirma o papel secundário da América Latina dentro do cenário global. A geopolítica internacional prova muito bem isso. É correto, todavia, deixar claro que há avanços de muitas nações que a compõem, assim como do todo, possivelmente

configurando um futuro de maior inserção desses países na ótica mundial da economia e da política internacionais.

Ao menos no futebol, a superioridade paira, senão nas cifras milionárias, ao menos na fabricação de craques, exportados para os centros que podem pagar por eles. Também as seleções nacionais representam bom exemplo.

Quando se fala em Copa do Mundo, nota-se de forma clara que a rivalidade entre países ricos e pobres entra em campo. Ela se fará sentir novamente em 2010, na primeira Copa realizada no continente africano, na África do Sul, onde se defrontarão mais do que nações e corações: estará em jogo a "hegemonia de dois mundos". América Latina e Europa detêm cada nove títulos mundiais. A batalha que irá se travar representa a força do esporte em ambos. Dos sete campeões do mundo, a Europa conta com quatro – Itália (4 títulos), Alemanha (3), França (1) e Inglaterra (1). A América Latina outros três – Brasil (5 títulos), Argentina (2) e Uruguai (2).

Os dois lados têm suas armas preparadas. Os europeus contarão novamente com um número muito maior de participantes. Na última Copa foram 14 países entre os 32 que competiram em solos germânicos (os latino-americanos eram apenas 7). Por outro lado a América Latina contará com algo que para muitos é uma arma no futebol: a mística. Desde o bicampeonato mundial do Brasil em 1958-1962, europeus e latino-americanos vêm se revezando na conquista de títulos. Sendo a Itália a última seleção campeã, em tese, seria a vez de um latino-americano vencer o Mundial. Mesmo parecendo bobagem, a tradição já persiste há quase meio século.

A Copa do Mundo que foi muito festejada pelos sul-africanos estará sendo jogada em território latino-americano na edição seguinte. O Brasil foi escolhido como o próximo país-sede, ficando responsável pelo Mundial de 2014. Desde que o México sediou o Mundial de 1986 nenhum país latino-americano teve mais a honra de ser anfitrião.

As mudanças espaciais necessárias para que uma nação sedie hoje uma Copa do Mundo são assombrosas. No Brasil já houve início nas obras mais imediatas, compreendendo uma série de medidas que repercutem de maneira impactante sobre os fluxos urbanos. Os investimentos vultosos tendem a ser compensados pelos enormes lucros que a vinda de um Mundial representa para o país-sede. É o que se espera para o alto valor de benfeitorias espaciais nas cidades, que devem servir à população ao fim de um mês de competição.

A América Latina é região de contrastes, a despeito da globalização. O desejo é o de que as nações possam ter um futuro de maior igualdade interna e externa. A Geografia enquanto ciência social e o geógrafo como pensador da dinâmica do espaço devem colaborar nesse sentido.

4 – Conhecimentos do futebol e do mundo globalizado

Os dados desse trabalho foram apresentados a um grupo de estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, no estado de Minas Gerais, Brasil, local de feitio do trabalho. Esses estudantes passaram a fazer parte do público de entrevistados que está disposto como o referencial dessa etapa do trabalho.

Os entrevistados constituem não um grupo restrito, mas sim uma parcela a que se destinou o trabalho, sendo essa a justificativa básica para que a amostra fosse menos expressiva do que se espera. A base da pesquisa é qualitativa, compreendendo uma série de 12 perguntas objetivas, com respostas preestabelecidas, na qual o entrevistado marcou apenas o que melhor lhe convinha.

A pesquisa foi empreendida nos dias 25, 26 e 27 de novembro de 2008, no *campus* da Universidade Federal de Viçosa, compreendendo apenas graduandos em Geografia, sem

o estabelecimento de padrões de fase de curso ou gênero, ou seja, não houve distinção entre o período de graduação onde se encontravam os estudantes nem de sexo.

Foi entrevistado um total de 50 estudantes, todos cientes dos dados apresentados no trabalho. Finalizadas as entrevistas, a etapa seguinte foi a disposição dos dados recebidos e uma análise dos mesmos, com o intuito de diagnosticar possíveis sinapses entre o que foi recolhido e o que se esperava. A apresentação dos resultados tenta mostrar o entendimento que parcela dos estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa tem das relações entre o futebol, a globalização e a América Latina no processo ininterrupto do capitalismo da pós-modernidade.

Na sequência está organizado o questionário empreendido aos estudantes com as 12 perguntas e as possibilidades de resposta. Note-se que a maioria das perguntas propostas exige conteúdos básicos de futebol e globalização.

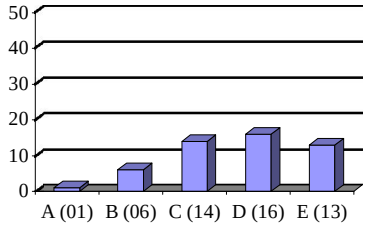
1) *Incluindo 2010, quantos continentes terão sediado a Copa do Mundo FIFA de futebol?*
   a) 1
   b) 2
   c) 3
   d) 4
   e) 5
2) *Qual o número de países que integram as Eliminatórias da América do Sul para a Copa do Mundo FIFA?*
   a) 8
   b) 9
   c) 10
   d) 12
   e) 14
3) *A globalização rompe com as fronteiras do tempo no espaço geográfico. Em que ano se adotou o famoso Greenwich Mean Time (GMT), os fusos horários e a Linha Internacional de Data no Pacífico, racionalizando as disparidades cronológicas?*
   a) 1500
   b) 1884
   c) 1901
   d) 1932
   e) 1970
4) *Entre esses países da América Latina, qual tem a filiação mais antiga à FIFA?*
   a) Paraguai
   b) Argentina
   c) México
   d) Brasil
   e) Equador
5) *Criado ao fim da Segunda Guerra Mundial, o sistema que tinha como objetivo a liberalização econômica multilateral, na coordenação de medidas de fronteira entre seus membros, recebeu qual nome?*
   a) OMC
   b) FMI
   c) GATT
   d) BIRD
   e) OIT

6) *Da forma como é disputada desde 1998, a Copa do Mundo FIFA possui ao todo quantas partidas disputadas por edição?*
   a) 32
   b) 48
   c) 62
   d) 64
   e) 80
7) *Em 1971 ocorre um dos mais impactantes episódios da economia mundial do século XX, derivando daí uma ampla gama de mudanças. Qual é o episódio em questão?*
   a) Criação do Banco Mundial
   b) Instauração do acordo de Bretton Woods
   c) Definição da Organização Mundial de Comércio como a gestora de tarifas
   d) Fim do oligopólio sobre o petróleo mundial
   e) Ruptura com o sistema fixo de câmbio e com o padrão-ouro
8) *Qual o número de nações latino-americanas que conseguiram avançar à fase de oitavas-de-final na última Copa do Mundo FIFA, em 2006?*
   a) 2
   b) 3
   c) 4
   d) 5
   e) nenhum
9) *Em quantas Copas do Mundo, os quatro primeiros colocados não tiveram a presença de nações latino-americanas?*
   a) 2
   b) 4
   c) 7
   d) 8
   e) 10
10) *Qual o número de vezes que o México, país latino-americano que foi cabeça-de-chave na última Copa do Mundo FIFA, participou dessa competição?*
   a) 3
   b) 5
   c) 10
   d) 13
   e) 16
11) *Em todas as edições de Copa do Mundo realizadas em nações latino-americanas o campeão foi um país também latino-americano. Em ordem, quais foram os campeões nas Copas disputadas na América Latina?*
   a) Uruguai – Uruguai – Brasil – Brasil – Argentina – Argentina
   b) Brasil – Argentina – Uruguai – Brasil – México – Argentina
   c) Uruguai – Brasil – Chile – México – Argentina – México
   d) Brasil – Brasil – Argentina – Uruguai – Argentina – Uruguai
   e) México – Uruguai – Argentina – Brasil – Brasil – Brasil
12) *Num esporte global, de cifras milionárias, quanto foi gasto (em euros) na melhoria do Estádio Olímpico de Berlim, palco da final da Copa do Mundo FIFA em 2006?*
   a) 100 milhões *b) 240 milhões* *c) 300 milhões*
   d) 500 milhões *e) 630 milhões*

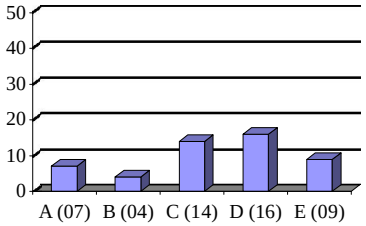
5 – Resultados e discussão

Os resultados obtidos estão dispostos a seguir, representado a opinião dos entrevistados.

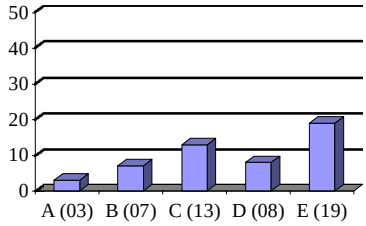
Gráficos 01 – 12 – Número de respostas encontradas para cada questão do questionário com 50 entrevistados



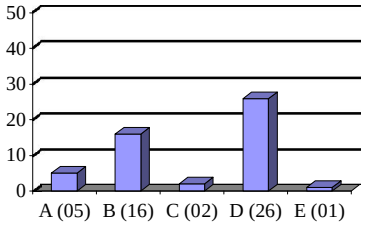
[01]



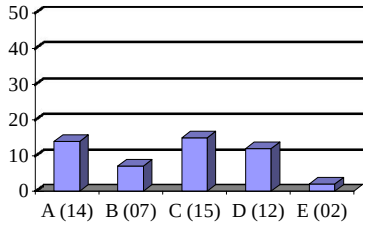
[02]



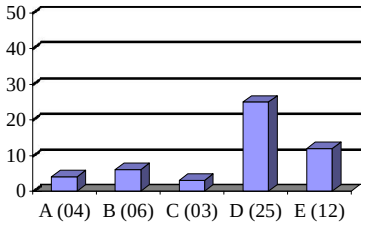
[03]



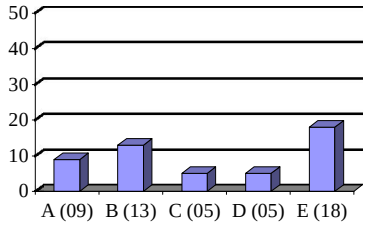
[04]



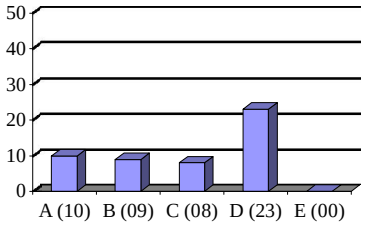
[05]



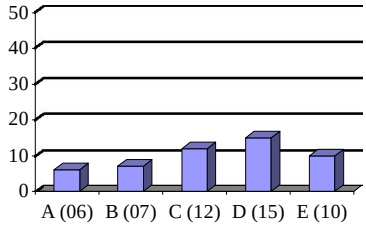
[06]



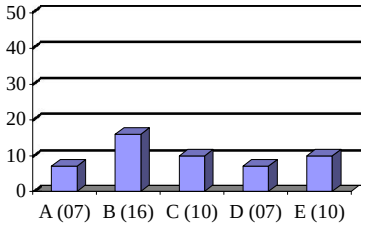
[07]



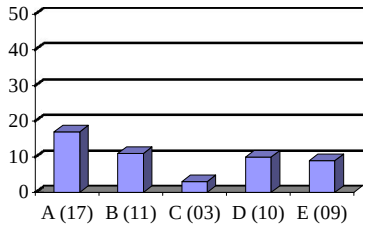
[08]



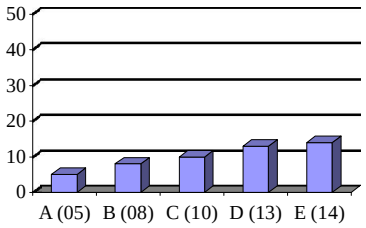
[09]



[10]



[11]



[12]

A análise dos resultados permite o levantamento de discussão sobre as respostas encontradas para cada questão. Os entrevistados obtiveram acerto nas questões de números 01, 05, 06, 07 e 11. Três dessas questões versam sobre futebol e outras duas sobre globalização. Os resultados obtidos revelam certo conhecimento de boa parte do público-alvo a que se dirigiu a pesquisa. Também mostra que o tema futebol, que teve mais perguntas dirigidas dentro do questionário, não é do conhecimento estrutural de parcela dos entrevistados.

Na questão 01 a dúvida maior era se três ou quatro continentes teriam sediado edições da Copa do Mundo FIFA. Houve êxito na respostas dos entrevistados, mas por pouca margem de frente. Em 02, percebe grande similaridade com 01 na dúvida de quantas nações disputam as Eliminatórias na América do Sul. Também duas foram as respostas mais comuns, mas prevaleceu o valor de doze seleções quando, na verdade são dez que disputam direito às vagas.

Na questão 03 não foram muitos os entrevistados que obtiveram acerto no ano de 1884. As respostas mais encontradas de quando houve a padronização temporal foram as que apresentaram os anos de 1970 e 1901, talvez pelo fato da maioria dos entrevistados acharem que o século XX é que respondeu pela adoção da padronização e racionalidade do tempo.

Para a questão 04 nota-se que a grande tradição do futebol brasileiro está por trás da resposta da maioria dos entrevistados. Contudo, é a Argentina que primeiro se filiou a FIFA, no ano de 1912. O Brasil só se filiaria em 1923, depois inclusive do Paraguai que o fez em 1921. A resposta certa foi a segunda mais respondida pelos entrevistados.

A questão de número 05 foi respondida de maneira correta pelos entrevistados, porém com diferença mínima em relação a outras duas opções. O GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) liderou a gama de respostas, seguido de perto por OMC e BIRD, de criação posterior e anterior, respectivamente. Metade das respostas foi correta na questão 06, que versou sobre o número de partidas disputadas em cada edição de Copa, desde 1998. Desde esse ano são 32 seleções e 64 partidas (48 na fase de grupos e mais 16 na fase seguinte, conhecida por “mata-mata”).

A questão 07 que descreveu a ruptura do sistema fixo de câmbio e do padrão-ouro foi respondida corretamente por 18 entrevistados, caracterizando êxito na resposta. A ruptura foi de encontro ao que se firmou nos acordos de Bretton Woods em 1944. A análise da questão 08 mostra que para 23 dos 50 entrevistados todos os países latino-americanos que foram à última Copa do Mundo FIFA passaram à segunda fase da competição. Na realidade, dos cinco que participaram o Paraguai não se classificou.

Em apenas quatro edições da Copa do Mundo (1934, 1966, 1982 2006) não houve presença de pelo menos um país latino-americano entre os quatro melhores da competição. Para a maior parte de entrevistados da questão 09 isso ocorreu por oito ou sete ocasiões. A resposta correta ficou apenas na terceira posição.

Na questão 10, a resposta mais encontrada não deu o devido crédito ao México, que já participou da Copa do Mundo em 13 edições. A resposta mais dita deu ao país apenas 5

participações nos mundiais. Para 17 entrevistados, a maior parcela entre as respostas da questão 11, a ordem dos campeões nas disputas de Copa em nações latino-americanas foi a correta. As edições ocorreram em 1930, 1950, 1962, 1970, 1978 e 1986. Argentina, Brasil e Uruguai somam nesses anos dois títulos cada.

A última questão, de número 15, tratou dos investimentos no estádio da final da Copa de 2006. O *Olympiastadion* em Berlim gastou € 240 milhões. A maior parte das respostas acreditava que tais investimentos foram mais vultosos (€ 630 e € 500 milhões).

6 – Conclusão

O trabalho apresentou, por meio de uma visão um tanto distinta, as relações estabelecidas entre a globalização, o futebol e a América Latina. Pode-se entender, dessa forma, todo um contexto de interdependência entre o fenômeno mundial de distorção do espaço e tempo, do esporte de difusão planetária e da América Latina, como participante periférico do capitalismo global.

A espacialização do fenômeno capitalista na contemporaneidade foi explicitada pelo mercado de transação de jogadores, pelas altas cifras que norteiam o mundo futebolístico, pelas grandes receitas dos clubes mais ricos do mundo, pelas enormes faturas das maiores empresas do ramo esportivo e pelos salários astronômicos pagos aos atletas de ponta desse esporte que tem milhões de adeptos.

A abordagem levou em consideração a inserção da América Latina tanto no que concerne ao futebol, como também no que diz respeito à globalização, dentro do cenário atual. Desde o fim da Segunda Guerra, a globalização se mostra presente e crescente e se vale do futebol para ingressar nos mais diversos e distantes meios e níveis sociais. A América Latina não se ausenta dessa perturbadora e incessante busca do capital para ser cada vez mais global.

Outro foco de interesse do trabalho tratou de apresentar aos estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, estado de Minas Gerais – Brasil, através de entrevista realizada com parte desses alunos, uma visão diferente de análise da globalização, tão presente nas discussões dentro do curso e vista aqui sobre outro terreno – o do futebol – esporte de massa que agrega milhões pelo mundo e que não ficaria alheio à ótica capitalista de apropriação de elementos da cultura moderna.

O trabalho permite salientar a importância que o futebol representa para a globalização e o capitalismo, já que estes se valem de clubes, jogadores e campeonatos para a obtenção do que sempre se espera com a entrada em determinados empreendimentos: o lucro. É a partir daí que o futebol se insere de maneira fantástica na vida e imaginário da sociedade – numa verdadeira rede de paixão, fé, tradição, mística e gols.

7 – Referências bibliográficas

BRASIL. MEC. **Caderno técnico-didático de futebol**. Brasília: Departamento de Documentação, 1979.

CALDAS, Ricardo; AMARAL, Carlos Alberto A. **Introdução à globalização:** noções de economia, marketing, e globalização. São Paulo: IBDC, 1998. 337 p.

CARLOS, Newton. ETA procura na política o que não conseguiu com o terror. **Jornal Mundo**, São Paulo, 15 maio 2001. n. 3, ano 14, p. 5.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Globalização e multiculturalismo**. Blumenau: Editora da FURB, 1996. 95 p.

DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. 150 p.
EARP, Fábio Sá (Org.). **Pão e circo:** fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2002, 210 p.
FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 11.
HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 147.
HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992. 349 p.
HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. **A globalização em questão:** a economia internacional e as possibilidades de governabilidade. 4 ed. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes, 2002.
IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 146.
JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a "pátria de chuteiras": elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCÄFFER, Bustos Almada (Org.). **Ensinar e aprender geografia**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), 1998. 151 p.
_____. Futbol y modernidad en Brasil: la geografia historica de uma novedad. In: CASTELLO, I. R. **Lecturas:** educación física y deporte. Montevidéo (Uruguai), 1995. 98 p.
_____. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia**, Niterói (Rio de Janeiro), n. 8, p. 1-9, jul.-dez. 2002.
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Marco A. Nogueira. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 69-70.
MATTOS, Carlos A. de. Crescimento metropolitano na América Latina. In: DINIZ, Clécio Campolina; LEMOS, Mauro Borges (Orgs.). **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 578 p.
MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?!. In: CARRANO, Paulo César (Org.). **Futebol:** paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 11-23.
NAKANO, Yoshiaki. Globalização, competitividade e novas regras de comércio mundial. **Revista de economia política**, São Paulo, v. 14, n. 6, p. 8-29, out.-dez. 1994.
RIBEIRO, Luiz. **Futebol e globalização**. São Paulo: Fontoura, 2007. 127 p.
SANTOS, Milton. Modo de produção técnico-científico-informacional e diferenciação espacial. **Território**, Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, ano 4, n. 6, p. 5-19, jan.-jun. 1999.
_____. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174 p.
TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. O turismo no espaço globalizado. In: RODRIGUES, Adyr Balastreri (Org.). **Turismo;** modernidade; globalização. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 2002. 220 p.
ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural**. Tradução de Michel Thiollent. São Paulo: Cortez, 2003. 120 p.